



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Trump e Maduro abrem via diplomática

Jornal *The New York Times* revela que presidentes dos Estados Unidos e da Venezuela conversaram, por telefone, na semana passada, e devem marcar encontro para breve. Líder americano ameaça lançar uma ofensiva terrestre

» RODRIGO CRAVEIRO

Pela primeira vez, em meio à escalada de tensão entre os dois países, os presidentes Donald Trump (EUA) e Nicolás Maduro (Venezuela) mantiveram conversas diretas, por telefone, na semana passada. A informação foi divulgada pelo jornal *The New York Times*, que citou duas fontes envolvidas no tema. Na ligação, que teve participação do secretário de Estado Marco Rubio, eles teriam discutido um possível encontro em breve. Segundo o *NY Times*, não ficou definida uma data para a reunião presencial. Na noite de quinta-feira, durante evento do Dia de Ação de Graças, Trump anunciou que os esforços para deter o narcotráfico na Venezuela e no Caribe passariam à fase terrestre. “A terra é mais fácil, e isso começará muito em breve”, declarou.

Fulton Armstrong, ex-oficial nacional de Inteligência dos EUA para América Latina e professor da American University (em Washington), comparou a política externa da Casa Branca para a América Latina a uma “montanha-russa”. “Ela nos dá a sensação de que vai despençar para, depois, nos surpreender com outra reviravolta”, afirmou ao **Correio**. “Assim como as políticas de Trump em relação à Ucrânia, Gaza, China e tarifas, a ligação

telefônica com Maduro é mais um exemplo de como ele gosta de parecer aberto a soluções — especialmente quando seu ‘plano A’ a intimidação militar, parece estar falhando, e um ataque provavelmente levará a um desastre”, avaliou. Segundo Armstrong, Trump não deseja tropas em solo, mas sabe que as Forças Armadas possuem tecnologia para lançar um míssil através do teto de um carro em movimento ou da janela do quarto de um líder. “Ele provavelmente crê que a CIA (Agência Central de Inteligência), a quem concedeu autoridade para operações secretas, recrutou oficiais militares ansiosos para derrubar Maduro”, disse.

Abertura

Para o ex-oficial, sob o ponto de vista de Maduro, o telefonema é uma vitória. “Ele sempre se mostrou aberto ao diálogo com os EUA e sempre quis regularizar os embarques de petróleo. O venezuelano se oferecerá para realizar novas eleições, mas seria insensato aceitá-las enquanto as sanções americanas, que destruíram a economia do país, mais do que qualquer outra coisa, permanecerem em vigor.”

Professora de ciência política da Universidade Estadual do Colorado, a venezuelana María Isabel Puerta acha improvável uma

Federico Parra/AFP



Nicolás Maduro com a espada de Simón Bolívar durante cerimônia militar no Forte Tiuna, em Caracas

ofensiva militar. “O governo Trump não parece disposto, neste momento, a avançar na estratégia de intervenção militar dentro da Venezuela. A informação do *The New York Times* e a ameaça de Trump de uma operação terrestre correspondem com a incerteza habitual

no atual governo americano. Parece que tentam, de todas as maneiras, pressionar Maduro a renunciar ao poder”, afirmou ao **Correio**. Orlando Vieira-Blanco — cientista político e colunista do jornal *El Universal* (de Caracas) — entende que Trump anuncia os próximos

passos por saber que tem força para neutralizar alvos criminosos. “As incursões parecem estar sendo realizadas, independentemente da saída de Maduro do poder. Nem tudo termina com a renúncia de Maduro. Ainda haverá alvos criminosos”, disse à reportagem.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Trump quer a renúncia de Maduro. Sua estratégia nesses dois meses tem sido a de parecer disposto e capaz de erradicar as drogas e derrubar o venezuelano. Ele alega ter resolvido até nove guerras durante seu mandato, mas suas políticas não estão funcionando — então, precisa parecer durão. Sua base MAGA não quer ‘guerras intermináveis’, mas adora a ideia de consolidar o controle dos EUA sobre nossas fronteiras e o hemisfério. Trump provavelmente foi informado, ainda que incorretamente, de que Cuba e Nicarágua cairão após Maduro. Três prêmios pelo preço de um.”

FULTON ARMSTRONG, ex-oficial nacional de Inteligência dos Estados Unidos para América Latina

UCRÂNIA Zelensky destitui chefe de gabinete investigado por corrupção

Um dos homens mais poderosos do establishment da Ucrânia e amigo pessoal do presidente Volodymyr Zelensky, Andriy Yermak renunciou ontem, horas após a Agência Anticorrupção (NABU) e a Procuradoria Especializada Anticorrupção (SAPO) anticorrupção invadirem seu apartamento, em Kiev, para investigar um escândalo. “Hoje, a NABU e a SAPO estão realizando diligências processuais em minha residência. Os investigadores não encontraram obstáculos. Tiveram acesso irrestrito ao apartamento. Meus advogados

estão presentes, interagindo com os policiais. Da minha parte, estou cooperando plenamente”, escreveu Yermak na rede X às 4h47 de ontem pelo horário da Ucrânia (23h47 de quinta-feira no horário de Brasília). Na mensagem diária transmitida ao povo ucraniano, Zelensky anunciou, pouco depois, que Yermak “apresentou sua renúncia”.

Além de segunda autoridade mais influente do governo, Yermak, 54 anos, liderava as negociações de paz com a Rússia. Seu afastamento coloca em dúvida os

rumos do diálogo com Washington e Moscou — o sucesso dependerá de quem será o seu substituto. “Sou grato a Andriy por sempre representar a posição da Ucrânia nas negociações exatamente como deveria ser. Sempre foi uma posição patriótica. Mas quero que não haja rumores ou especulações”, justificou-se Zelensky.

Desvio

As batidas policiais da NABU e da SAPO na residência de Yermak se inserem no marco de um

escândalo de corrupção que teria desviado US\$ 100 milhões (cerca de R\$ 535 milhões) do setor energético. As autoridades não detalharam o grau de envolvimento do chefe de gabinete demissionário.

Para Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), a renúncia de Yermak foi um “passo na direção correta”. “Suspeito que ela tenha ocorrido não sem uma intensa pressão dos americanos ou mesmo dos europeus. Há sérias alegações contra Yermak de que ele possa ter sido o

componente central do escândalo, com base nas investigações. Zelensky finalmente mostrou contato com a realidade. Seja por meio de pressão ou não, a saída de Yermak era um desejo dele próprio e do presidente”, afirmou ao **Correio**. Zalmayev sublinha a importância de ver quem será o substituto de Yermak na chefia de gabinete. “Acho que Zelensky faria bem em escolher alguém mesmo do campo da oposição ou alguém neutro. É preciso que o sucessor de Yermak tenha imensa experiência em política externa.” (Rodrigo Craveiro)

Oscar Del Pozo/AFP



Andriy Yermak: suposta ligação com esquema criminoso

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Europa segura o presente de Natal

Prometida pelo presidente Lula para o próximo dia 20, às vésperas do Natal, a assinatura do acordo de livre-comércio entre Mercosul e União Europeia (UE) pode empacar mais uma vez. Sob pressões múltiplas, do parlamento à sociedade civil, da extrema-direita à esquerda radical, o presidente da França, Emmanuel Macron, tenta articular uma obstrução de minoria no Conselho Europeu.

Pode não conseguir os votos necessários, mas é possível que avance o bastante para que o texto não seja firmado na cúpula do bloco sul-americano, sob presidência rotativa do Brasil. O acordo com a UE, negociado e renegociado por mais de duas décadas, é um dos troféus de política externa cobijados por Lula para o terceiro mandato, que expira no último dia de 2026.

Na largada para a campanha pela reeleição, e apesar da acolhida controversa,

que divide o próprio campo governista, a área de livre-comércio com a UE é pedido prioritário do Planalto e do Itamaraty para o Papai Noel.

Nem gregos, nem troianos

Por todas as implicações, e pelas dimensões do seu alcance econômico-comercial, o acordo UE-Mercosul consegue reunir contra si alianças improváveis. Na Europa, em especial na França, convergem na oposição à iniciativa a França Insubmissa, na ponta esquerda do espectro político, e a Reunião Nacional, na ponta direita.

Macron, que desde meados do ano passado governa sem maioria, viu seguidos gabinetes depostos por voto de desconfiança. Na semana que se encerra, a Assembleia Nacional votou por quase unanimidade — um único voto contrário — uma

moção que demanda do presidente a articulação de uma minoria capaz de travar o acordo no Conselho Europeu.

Do lado de cá do Atlântico, o quadro é semelhante, embora com dinâmica própria, algo distinta da europeia. No âmbito dos governos, a resistência se concentra na Argentina. Não tanto por inspiração protecionista, como da parte da França, mas pela opção do presidente Javier Milei, trumpista de carteirinha, por uma relação preferencial com os EUA. Mesmo no Brasil, setores de esquerda que apoiam o governo Lula torcem contra um acordo que, sustentam, sufocará os esforços para reinustrializar o país.

Fator Trump

Lá como cá, a coalizão heterogênea que trabalha pelo acordo tem como argumento a nova realidade geopolítica

estabelecida, no âmbito do comércio global, pela guerra tarifária iniciada por Donald Trump. Foi em nome de fazer frente a ela que Alemanha e Espanha, ambos exportadores de bens industriais, aliaram-se para fazer deslancharem as negociações com o Mercosul.

No campo oposto, agricultores franceses, poloneses e de outros países da UE levantaram a guarda. Temem que o agro sul-americano, em especial o brasileiro, tenha na Europa um possível desaguadouro para os produtos que destinavam antes aos EUA. Em resumo, e levando em conta os vaivéns da Casa Branca — nesse e em outros temas —, círculos políticos e econômicos, na Europa e na América do Sul, debruçam-se sobre as pranchetas nas próximas semanas para definir o destino das relações entre UE e Mercosul.

Nome aos bois

O fator Trump volta à baila, uma vez mais, com as últimas declarações do presidente estadunidense sobre imigração.

Em resposta ao incidente em que um refugiado afegão baleou e matou militares da Guarda Nacional nas imediações da Casa Branca, ele anunciou a disposição de proibir a entrada de cidadãos de “países do terceiro mundo”.

A expressão, um clássico na geopolítica da Guerra Fria, caiu em desuso com o fim da União Soviética e a globalização. Entre outros fatores, por embutir preconceitos de rasgo xenofóbico. O “mundo” classificado como “terceiro” correspondia aos países pobres ou em desenvolvimento — categoria na qual cabiam Haiti e Brasil. EUA e União Soviética, as superpotências nucleares, formavam o “primeiro” mundo, com Europa, Japão e Canadá na categoria intermediária.

A nomenclatura dos três “mundos” caiu de moda. Hoje, nos meios políticos e acadêmicos, a divisão mais considerada é entre Sul Global, que agrupa países pobres e emergentes; e Ocidente Coletivo, que representa EUA e aliados desenvolvidos, como Europa e Japão.